



Memorias. Revista Digital de Historia y
Arqueología desde el Caribe

E-ISSN: 1794-8886

memorias@uninorte.edu.co

Universidad del Norte
Colombia

Tôrres Aguiar Gomes, Edvânia

Um passeio temático pela cidade do Recife: O processo de revitalização, êxitos e
fracassos

Memorias. Revista Digital de Historia y Arqueología desde el Caribe, núm. 6, noviembre,
2007

Universidad del Norte
Barranquilla, Colombia

Disponible en: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=85530606>

- Cómo citar el artículo
- Número completo
- Más información del artículo
- Página de la revista en redalyc.org

redalyc.org

Sistema de Información Científica

Red de Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, España y Portugal

Proyecto académico sin fines de lucro, desarrollado bajo la iniciativa de acceso abierto

Um passeio temático pela cidade do Recife: O processo de revitalização, êxitos e fracassos**Edvânia Tôrres Aguiar Gomes****Resumen**

En este artículo se presenta, una visión histórica muy amplia y detallada, relatada en forma casi poética y con una visión de lo espacial-urbano muy clara. En el desarrollo urbano de la Ciudad de Recife y de su centro histórico conviven /coexisten como dice la autora “dos mundos antagónicos, moderno y arcaico, rico y pobre, seco y mojado, artificial y natural entre otras dicotomías”. Con una base así es posible entender el proceso de transformación urbana de la ciudad y así poder hacer una lista de los éxitos y fracasos en su proceso de revitalización. El camino a recorrer se fundamenta en una mirada al pasado para identificar las permanencias que definen las prioridades de la comunidad allí asentada.

Palabras claves: Proceso de revitalización, multiculturalidad, recuperación.

Abstract

This article recounts a very in-depth and detailed historical perspective, presented in an almost poetic form and with a very clear understanding of urban spaces. In the urban development of the city of Recife and its historical centres, there are, as the author says, “two antagonistic, modern and archaic, rich and poor, dry and wet, artificial and natural worlds, among other dichotomies”. With such a basis, it is possible to understand the urban transformation process of the city and as such be able to make a list of the successes and failures of the revitalisation process. The path that will be taken is based on a look to the past so as to identify the remains that define the major necessities of the people who reside there.

Keywords: revitalitation process, multiculturality, recuperation.

Notas preliminares sobre a cidade do Recife - Fatores de Localização.

A cidade do Recife, capital do Estado de Pernambuco, situa-se no Nordeste do Brasil, mais especificamente entre 8° 04' 00" de latitude Sul e 43° 52' 00" de Longitude Oeste. O sítio desta cidade tem como base uma formação de planície com características *flúvio-marinha*. A origem do nome da cidade está diretamente ligada à linha de arrecifes¹ que funcionam como um paredão natural, quebra mar, que envolve e protege a costa com aproximadamente 6.000 m. Assim, originalmente o Recife é percebido como uma baía entulhada onde um complexo sistema de sedimentos foi se amalgamando para formar a atual planície, como bem lembra a ilustração encontrada no Josué de Castro (1954).

Essa baixada aluvional corresponde a uma área que, em tempos pré-históricos, seria uma larga enseada, onde, primitivamente, desaguava o rio Capibaribe e foi paulatinamente aterrada pela ação conjunta de diversos fenômenos: rio, mar, vento, e vegetação (GOMES, 1997).



Baía entulhada, esquema da formação geomorfológica do Recife.

Fonte: CASTRO, 1954

¹ FRANCA, Rubem. Arabismos: uma mini-enciclopédia do mundo árabe. Recife: Prefeitura da Cidade do Recife: Universidade Federal de Pernambuco/ Editora Universitária. 1994, p. 72 e 154. Ar-rasif: dique, calçada. Formações rochosas litorâneas. (...) O mesmo que Recife. Recife –do arcaísmo ‘arrecife’; ár. ‘ar-racif, calçada, caminho, pavimento; parede de apoio; paredão; dique, cais; linha de escolhos’, (...) rochedo na faixa litorânea, ou melhor, no terraço submarino, de origem arenítica ou coralígena; é barreira, muralha, quebra-mar”.

A condição do Recife de surgir em meio a alagados, banco de areia e rios dá a essa cidade características anfíbias que está de sob maneira incorporado na gestão dos espaços, assim o dialogo sempre é estabelecido pela relação entre “secos e molhados”, assim é percebida uma eterna busca pelo disciplinamento dos espaços, ora pela eliminação do lamacento e pegajoso, ora pelo aproveitamento das potencialidades do que é belo.

Bacca, Ramón Illán. *Disfrázate como quieras*. Seix Barral, Bogotá, 2002. pp. 20 - 22

Desde a sua formação estrutural, o Recife é resultado de um agrupamento de forças múltiplas, forças que se somam e se complementam na estruturação de um arcabouço complexo, como uma teia formada por diversas linhas, com materiais das mais diversas procedências. Foi assim com a base geológica, geomorfológica e também foi assim com a formação social e territorial.

A cidade exhibe em sua paisagem características muito marcantes de sua multiculturalidade, resultante de uma combinação de forças de diversas origens, entre elas se pode destacar o papel dos indígenas, dos portugueses, dos negros, dos holandeses, dos franceses e dos judeus, dentre outros. Cada um desses elementos tem as suas influências registradas ora no conjunto de práticas e representações mentais elaboradas pelo conjunto dos indivíduos, ora nas formas concretas registradas na paisagem. Cada elaboração, cada registro faz com que a cidade se apresente com uma unidade datada que revela a época em que foi originada e o conjunto de técnicas que foi elaborado em sua construção. Assim, cada exercício de transformação de sua estrutura deixa marca no tecido urbano que podem ser vistas como atrasos, se não estiverem em boas condições de preservação, ou como memória preservada e patrimônio da humanidade.

A formação social de um espaço é conduzida por forças que vão além da intenção humana, no caso do Recife e das cidades latino-americanas de maneira geral é possível, através de um modelo de redução, identificar três grandes forças constitutivas, aquelas que auxiliaram

No processo de construção quer seja de uma identidade cultural, quer seja das unidades espaciais. Assim, essas forças são o poder militar, o poder religioso e o poder mercantil. Separadamente elas representam apenas um viés de interferências e influencias, mas em conjunto elas são responsáveis pela matriz base do processo de urbanização e edificação de um código comum as cidades.

Perspectivas para a composição teórica da análise.

A análise do processo de revitalização dos espaços urbanos surge como uma tarefa não muito fácil de ser executada, neste sentido é preciso percorrer trilhas ainda sinuosas para se perceber os êxitos e fracassos acumulados como o passar do tempo e com a sucessão de investidas na tentativa de dar vida nova a espaços já degradados ou em processo de degradação.

Iluminado por essa perspectiva é possível perceber que na análise desse tecido um dos elementos mais significativos é o comportamento, pois é o movimento da vida quem dá animo e o uso devido às formas, é o conjunto dos hábitos que dá o tom da urbanidade são esses hábitos que dão sentido as formas, que determina os usos e agrega funcionalidades e transforma e desmonta processos que não representem o interesse de quem vai usufruir diretamente das áreas em vias de intervenção.

Assim são construídos e entendidos os gêneros de vida, esses conjunto de ações de um determinado grupo funciona como a base, o caldo cultural que justifica as transformações e as confirma ou rejeita. Nessa linha, o uso do espaço é entendido e racionalizado, esse uso identificado faz com que seja possível identificar áreas de polarização de uso, onde se criam pólos de diversão, cultura, lazer, financeiros, econômicos e / ou políticos. Essa condição de polarização faz com que seja mais fácil definir as áreas mais prioritárias para fins de intervenção. Disso estabelece-se um conjunto de áreas de prioridades, como se fosse uma tabela hierárquica dos interesses sociais e as possibilidades de intervenção.

Mais uma dimensão que é perseguida na análise desses espaços é a ação das técnicas e da tecnologia, por tecnologia se entende a elaboração e o aperfeiçoamento dos métodos para assegurar o funcionamento dos mecanismos da produção, do consumo e do lazer assim como das atividades da pesquisa artística e científica. De acordo com a UNESCO a tecnologia “*é o conjunto de conhecimentos científicos ou empíricos diretamente aplicáveis à produção ou melhoria de bens ou serviços*”. Já a técnica tem um significado mais teórico e é em Adorno em dois níveis: primeiro “enquanto qualquer coisa determinada intra-esteticamente” e, segundo, “enquanto desenvolvimento exterior às obras de arte”. O conceito de técnica não deve ser pensado de maneira absoluta: ele possui uma origem histórica e pode desaparecer. Com isso se a técnica passa a exercer imenso poder sobre a sociedade, tal ocorre, segundo Adorno, graças, em grande parte, ao fato de que as circunstâncias que favorecem tal poder é arquitetada pelo poder dos economicamente mais fortes sobre a sociedade. Em decorrência, a racionalidade da técnica identifica-se com a racionalidade do próprio domínio.

Uma nova concepção no urbanismo que surge com tores de novidade é em relação ao casamento da geografia com a física e química no que se diz respeito à análise dos fractais. A idéia acerca dos fractais surge a partir da análise da repetição das características, como isso se pode indicar que nos pequenos núcleos ou centros históricos se encontram características que se monitoradas podem revelar o que está no âmbito maior da cidade, por mais moderna que ela seja. De acordo com essa teoria, mesmo que as pessoas interajam umas com as outras através de suas escolhas pessoais, existem, padrões matemáticos definidos nas atividades do grupo que auxiliam na previsão do comportamento de determinada pessoa ou grupo de pessoa, não que todos os movimentos possam ser previstos, mas essa teoria parece ser capaz de dizer o que se pode esperar de um conjunto de indivíduos. Com base nisso, as áreas centrais das cidades, ou as áreas selecionadas para fins de intervenções urbanísticas e paisagísticas revelam em uma dimensão micro-escalar as possibilidades de gestão da cidade. Então, as áreas selecionadas funcionam como fractais

Que precisam ser compreendidos para que todo o tecido urbano seja contemplado e a sociedade encontre uma zona de equilíbrio e de definição mais profícua das intervenções.

Associado com a idéia dos fractais, a análise precisa assumir um entendimento do que seja complexo, nesta perspectiva o termo complexo provém do latim *complexus* e significa “tecido junto”. Para o Goethe a análise de qualquer objeto só pode ser elaborada em conjunto, a época e do jeito dele já se apresentava à idéia base da teoria da complexidade, pois para ele *“aquilo que designamos como partes constituintes forma um todo inseparável, que só pode ser estudado em conjunto, pois a parte não permite reconhecer o todo, nem o conjunto deve ser reconhecido nas partes”*. Essa constatação põe em cheque a idéia da análise dos fractais nas ciências sociais, mas ao mesmo tempo abre uma agenda de possibilidades e ampliação ao debate teórico, pois a análise dos fractais pode assumir uma dimensão complexa, afinal os elementos analisados são unos e refletem a idéia de um todo evocado por esse pensamento.

Primeiro front de urbanização da cidade do Recife, quadros de uma influência portuguesa e neerlandesa.

As cinqüenta léguas de terra desta capitania se contêm do rio de São Francisco (...) até o rio de Igarçu (...) e chama-se de Pernambuco, que quer dizer mar furado, por respeito de uma pedra furada por onde o mar entra, a qual está vindo da ilha de Tamará. E também se poderá assim chamar por respeito do porto principal desta capitania, que é o mais nomeado e freqüentado de navios que todos os mais do Brasil, ao qual se entra pela boca de um recife de pedra tão estreita que não cabe mais de uma nau enfiada após outra e entrando desta barra ou recife para dentro, fica logo ali um poço ou surgidouro, onde vêm acabar de carregar as naus grandes, e nadam as pequenas carregadas de cem toneladas ou pouco mais, para o que está ali uma povoação de duzentos vizinhos com uma freguesia do Corpo Santo, de quem são os mareantes mui devotos, e muitas vendas e tabernas e os passos de açúcar, que são umas lógeas grandes onde se recolhem os caixões até se embarcarem nos navios.

Esta povoação, que se chama do Recife, está em oito graus, uma légua da vila de Olinda, cabeça desta capitania, aonde se vai por mar e por terra (...). (SALVADOR, 1975)

É como uma anunciação de novidade que surge a cidade do Recife, primeiro como um porto natural onde às relações de trocas comerciais marítimas funcionavam como vitais para a manutenção das relações de comando da vila de Olinda, e mais a diante, após 1630 é que ganha características de uma organização urbana mais bem desenvolvida.

A colonização portuguesa no Brasil, entre 1537 e 1630, teve a Capitania de Pernambuco como um dos seus principais centros de irradiação. O dinamismo dessa economia colonial tinha no porto, nos engenhos de açúcar e no acesso à propriedade da terra seus elementos principais. (PONTUAL, 2001).

Essa vocação natural e as condições que proporcionaram a instalação do porto possibilitaram o surgimento do assentamento de pescadores e mareantes num Istmo, numa pequena lingüeta natural formada pela deposição de sedimentos que se prolongava na direção sul à *Baía entulhada*. A partir desta base tem-se instaurada a gênese do espaço urbano do Recife a mesma área atualmente foi rompida e o que inicialmente era denominado istmo se transformou numa ilha onde se situa o Bairro do Recife, a partir do qual foram abertos, posteriormente, caminhos de penetração em direção ao continente, que viriam caracterizar a configuração urbano-territorial da cidade do Recife.

Originalmente o istmo era bastante estreito, mas foi sendo ampliado para oeste, no leito do rio. Nessa primeira etapa do processo de colonização, o aglomerado humano, e com os primeiros indícios de uma urbanização, “era denominado de ‘Recife dos Navios’ e depois de ‘O Povo’”. De acordo com registros iconográficos: “O Povo estava localizado dentro das linhas curvas da península, inicialmente da largura do istmo, variável entre 30 e 60 passos”. (CAVALCANTI, 1978).

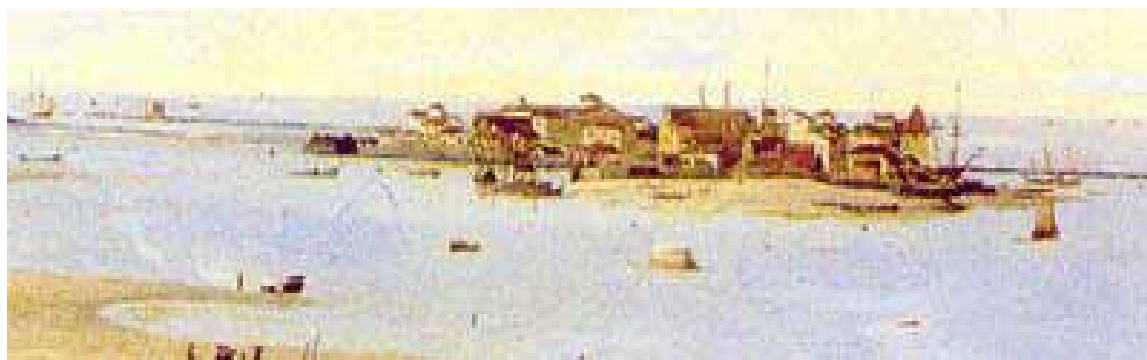
Então, esse povoado recebe as influências da expedição holandesa comandada pelo alemão Conde Maurício de Nassau e junto a ele organiza e faz surgir a primeira expansão urbana do núcleo recifense. Assim, essa área foi preparada para ser a transferência da sede de comando de Pernambuco, então, fruto de movimentos políticos bastante complexos e conturbados a sede é transferida e Olinda vai perdendo importância, progressivamente.

Recife foi palco de sucessivas transformações, objeto de sucessivos aterros e trabalhos de drenagem efetuados pelos holandeses, enquanto opção de instalação de sede de governo. Já em 1637 na Cidade Maurícia (Mauritzstad), projetada pelo arquiteto Pieter Post, é instalada sede do governo holandês, passando os holandeses a povoar a Ilha dos Navios, também chamada Antônio Vaz, iniciando o crescimento do Recife na direção Porto-Ilha dos Navios. Esse crescimento, como já lembrado em passagens anteriores tem como principal característica a promoção de aterros em larga escala. A área do Recife estava limitada em cerca de 100.000 m² e cada vez mais a população vinculada aumentando, criando assim a necessidade de, no período nassoviano, incrementar e buscar alternativas para abrigar tantas pessoas.

Na agenda das intervenções neerlandesas não estavam apenas aterros, assim foi construído um dique e pequenos pontilhões sobre camboas e mangues. Esses pontilhões facilitavam sobremaneira a articulação e a comunicação mercantil entre o porto e o continente. As pontes também datam desse período foram construídas com tom de novidade, exibindo uma técnica específica da época. A primeira ponte do Brasil é construída em Recife e fazia a ligação do porto (povoação d'O Povo ou Santelmo, atual ilha do bairro do Recife) à cidade Maurícia (ilha dos Navios, ilha de Antônio Vaz, atual bairro de Santo Antônio), e outra, ligando a ilha da cidade Maurícia ao continente em direção ao atual bairro da Boa Vista.



A Cidade Maurícia e o Palácio da Boa Vista por F. Post
Fonte: Menezes, 1988.



Detalhe do Recife na Vista de F. Post
Fonte: Menezes, 1988.

Figueredo (2006) lembra que no século XVII, no Brasil colônia, de maneira geral não existia passeios públicos e as vias não obedeciam a nenhuma espécie de conceito de quantidade ou qualidade do verde, assim a baixa arborização é justificada até mesmo porque a carta de Atenas só foi escrita alguns séculos depois, em meados de 1900. Entrementes, as intervenções feitas no Recife seguiam um projeto urbanístico. Assim em relação aos sobrados, descritos magros e de partido vertical com três, quatro, cinco andares, que exibem assim co-existências de procedências onde a influência portuguesa está lado a lado com a influência holandesa.

Há no entanto um questionamento muito profundo elaborado por Josué de Castro (1954) em relação à interpretação de que seriam, estes, de influência flamenga. Essa característica dos sobrados decorreria de limitações topográficas do sítio e estaria consoante as tendências universais. Josué de Castro (1954) não deixa de reconhecer, no entanto, a influência cultural transmitida pela experiência holandesa na domação das águas –com seu patrimônio de técnicas e aspirações. Por outro lado, ele deixa bem claro que esta experiência frutificou a “partir das condições regionais propícias – de fatores econômicos de grande atuação propulsora”.

A forma urbana nas já tradicionais cidades brasileiras apresentava uma uniformidade dos terrenos e os partidos arquitetônicos determinados em cartas régias e códigos de posturas. Assim, nesse primeiro momento a busca já se fazia não só na vertente do embelezamento, mas também a regularidade para fins expansionistas. Assim, geometricamente as formas sofriam uma serie de interferências no que diz respeito a pavimentos, tamanhos de porta, janela, alinhamento e simetria com os terrenos vizinhos. Tudo isso reivindicava a herança e as características portuguesas, que no caso de recife foi totalmente modificada com a vinda dos holandeses. (FIGUEREDO, 2006).

Mesmo após, a expulsão dos holandeses, o Porto do Recife continuou a crescer, o Recife passou a constituir um importante Porto algodoeiro do País, neste período, a cidade já crescera ao terceiro lugar na ordem de importância dos núcleos portuários.

O boom das áreas centrais, grandes transformações no tecido urbano, o Recife consoante com o modelo Europeu.

O Recife já tinha se transformado na cidade Maurícia e receberá ao longo do tempo várias denominações, entre elas as de “Ilha de Antônio Vaz” e “Ilha do Governador” até finalmente ter a nomenclatura atual, e ganhar status de bairro, o bairro de Santo Antônio. Por volta do terceiro quartel do século XVII, os holandeses foram expulsos do território pernambucano e com eles houve um movimento de superação das heranças deixadas por eles e assim uma verdadeira reforma urbana foi instaurada, assim o Recife crescia para além da tão discutida península, seguindo em direção do outro lado do rio, lugar onde fora edificada a cidade Maurícia, já então completamente destruída. Em movimentos de coexistência de transformações muitos edifícios públicos e privados foram construídos e as principais ordens religiosas começaram a edificar os seus conventos.

Posteriormente à invasão holandesa, a Ilha de Antônio Vaz passou a ter um traçado regular e geométrico, características comuns ao Renascimento. A trama urbana e os edifícios do Recife, não se alterariam, senão com a reconstrução à nova maneira portuguesa e ao gosto do século XVIII, de edifícios existentes na Península, desaparecendo na Ilha de Antônio Vaz as construções holandesas. Acentua-se a extensão da Vila do Recife para o continente, em direção ao atual bairro da Boa Vista, fundando igrejas e casas residenciais em grandes sítios.

Aproximando-se do início do século XIX o Recife era uma vila de menos vinte mil habitantes com uma grande concentração de pessoas na zona que atualmente correspondente ao atual Bairro da Boa Vista. Com a abertura dos portos nacionais, em 1808, a economia brasileira ganha forte pujança, especialmente da economia urbana, com impactos diretos sobre a estruturação urbana das cidades. Nessa época o porto do Recife assume a terceira posição em importância nacional, como porto algodoeiro, demandando modernizações em suas instalações portuárias, dando origem aos planos de melhoramento do porto e entorno viário. Ainda neste século, a reforma urbana no bairro do Recife contou com um intenso processo de decisões de como e o que seria reformado, relevando-se uma preocupação em modificar os arruamentos dispostos naquele bairro.

Surgiram muitos projetos de intervenção deste período, mas um dos mais significativos e o que propunha mudanças no traçado urbano do Bairro – O Novo Projeto de Melhoramento do Porto – elaborado pela Subcomissão Fiscal e Administrativa das Obras do Porto do Recife. A proposta de reformar o urbano sugere modificações que foram implantadas, conferindo um caráter definitivo ao projeto, foram abertas três avenidas; Av. Central (atual Avenida Rio Branco), Av. Marquês de Olinda (destruindo o Arco da Conceição e o Largo do Corpo Santo), Av. do Porto (atual Avenida Alfredo Lisboa). Sendo alargadas várias ruelas transversais ali existentes. No âmbito do projeto de Revitalização do Bairro, em relação ao traçado urbano, também foram implantados projetos voltados para a questão do saneamento, devido ao aparecimento de doenças que na época assolavam a cidade.

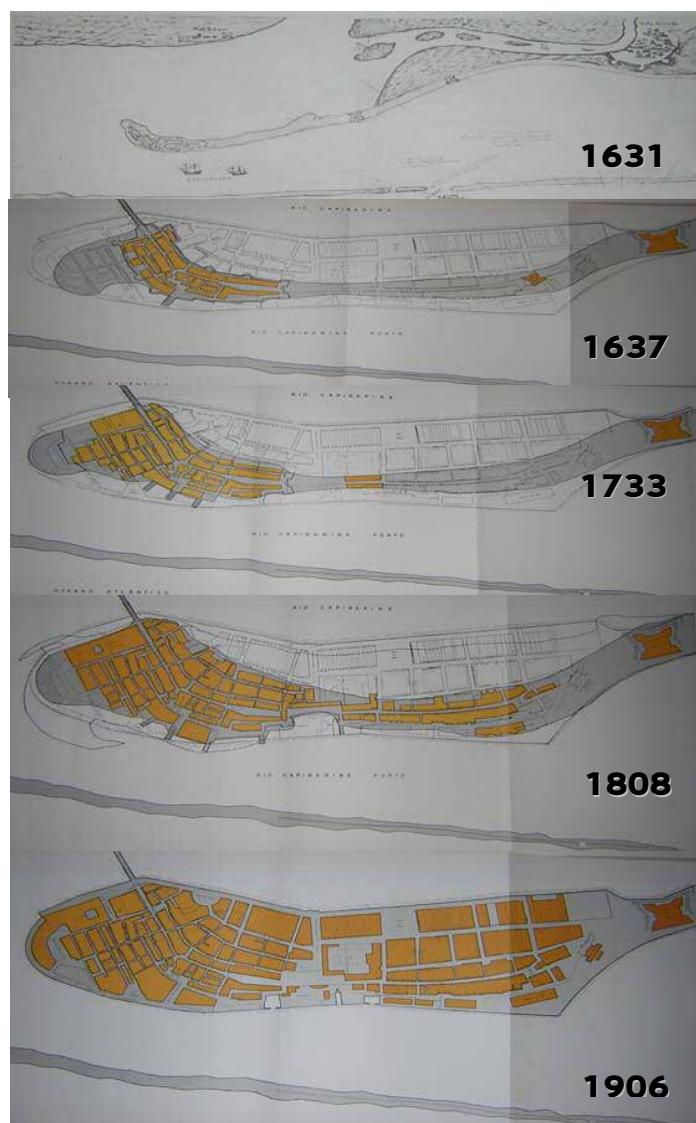
As calçadas são obrigadas a terem passeio, e em paralelo à arborização, principalmente através de gameleiras, são efetuados os primeiros calçamentos das ruas, que serão destacadas em relatos dos viajantes. As transformações promovidas para atendimento a essas atividades comerciais portuárias, inserem-se na “fase de modernização do Recife”, inaugurada pelo presidente da província Francisco do Rêgo Barros, também conhecido como Conde da Boa Vista.

A cidade do Recife era composta predominantemente pelos bairros do Recife, Santo Antônio e tinha início à ocupação do caminho novo, em direção ao atual bairro da Boa Vista. O sistema viário será o principal foco da administração do Conde da Boa Vista, que privilegiará a adoção de grandes avenidas inspiradas no modelo francês, com vistas ao embelezamento da cidade e facilidade de circulação do comércio portuário, como já mostrado. Nessa onda, o capital mundial está em franco processo de estabilização e novas forças são criadas nessa configuração geopolítica. Abre-se vistas para um processo de liberalismo exacerbado na província do Recife e grandes gastos são feitos em nível público e privado. Para consolidação da República instala-se no Brasil, um amplo projeto de modernização, envolvendo reaparelhamento da infra-estrutura urbana nacional, os portos e estradas, disseminação de uma ideologia modernizante e sanitarista para as cidades e modernização dos principais espaços urbanos, com impactos diretos sobre o “*modus vivendi*”.

Após a reforma, o bairro do Recife passou a exibir uma paisagem como que decalcada do estilo moderno europeu, adquirindo aspectos imponentes das metrópoles burguesas do Velho Mundo. A partir do ano de 1942, o Bairro irá sofrer novas mudanças, não mais ligadas ao aspecto urbano-paisagístico, porém nos modos sociais e costumes da vida noturna, essa mudança estava relacionada à II Guerra Mundial, com a presença de tropas americanas na cidade.

O conjunto de medidas urbanísticas propostas, implicou na primeira descaracterização do bairro do Recife. O seu porte e abrangência foi tão expressivo, que sua análise contemporânea permitiram-no se fazer conhecer como “arrasa quarteirão”.

Evolução Urbana do Bairro do Recife 1631 - 1906.



Fonte: Menezes, 1985

A busca pela limpeza urbana, as contribuições para a reforma além do bairro do Recife.

Durante o governo do Novaes Filho, a Cidade do Recife passou por uma série de transformações genéticas, estruturais que delinearam todo um projeto urbanístico de uma época. Dentre as grandes modificações empreendidas por Novaes Filho tem-se a expansão do bairro de Santo Antônio, o plano de expansão da cidade e a regulamentação urbanística. Um dos mais engajados no processo de transformação e ampliação do Recife encontra-se a figura do engenheiro Domingos Ferreira por volta de 1928, muito dessas inquietações são fruto de influências francesas, haja vista a grande vinculação do mesmo com o pensamento de Alfred Agache, urbanista francês vindo a Pernambuco a convite do governo do Estado. No plano de Domingos Ferreira figurava algumas intenções que destoavam das reais capacidades econômicas do Recife a época, dentre essas transformações radicais, estava a abertura de novas grandes vias, a desapropriação de uma parcela considerável de prédios, para fins de demolição. Originalmente esse plano recebeu uma série de críticas e não conseguiu ser aceito. O mesmo aconteceu com as idéias de Nestor de Figueredo. Uma outra contribuição ao plano de reurbanização da cidade foi dada pelo Atilio Correia de Lima, ele propôs planos para o bairro de Santo Antônio e o plano de expansão da Cidade. Porém, esse plano foi só apresentado como um anteprojeto que segundo Virginia Pontual (2001) *“compreendendo o zoneamento e o sistema viário. O modelo desse sistema era radial-perimetral, visando romper com a centralidade da forma exclusivamente radial de então”*.

A reforma na cidade se apresentava com caráter de emergência, pois estava sendo uma reivindicação dos urbanistas e uma prioridade para a pauta de ações dos governantes para tanto o governo de Novaes Filho criou uma comissão do Plano da Cidade, dentre os integrantes dessa comissão tinham lugar garantido alguns dos que já tinha ficado as voltas com as propostas de reforma urbana no Recife, com a liberação do interventor federal, Joaquim Nabuco e promulgada em reunião realizada no teatro de Santa Isabel, deu-se início as obras na Avenida 10 de março. Um pouco mais à frente, em 1942, essa comissão

Convidou o urbanista João Florense de Ulchôa Cintra que fez algumas consideração e compilações em trabalhos anteriores e a sua proposta foi aprovada sem mais problemas. A agenda das intervenções contava com a remodelação do centro, a remodelação dos bairros era auspiciosa, pois existia uma demanda de higienização das áreas centrais, os mocambos estavam impregnados na paisagem da cidade e com eles surgia um ar de decadência que precisava ser urgentemente contornado, mesmo que isso custasse à demolição de alguns grandes equipamentos urbanos e alguns prédios.

As obras públicas que datam desta época já chegam com as influencias da carta de Atenas, os espaços são pensados em função da sua funcionalidade. É preciso criar grandes áreas públicas, parques urbanos.

A dificuldade de circulação dos veículos era denunciada pela morosidade do fluxo, o tecido viário era desarticulado, e funcionava como um obstáculo para o funcionamento da cidade. As obras que pavimentaram e cobriu de asfalto grande parte das ruas e avenidas da cidade conferiram a ela a condição de metrópole, Recife estava assim na onda do desenvolvimento mundial. Todos os lugares da cidade mereciam atenção, pois nas metrópoles cada área tinha um papel fundamental para articular a vida urbana. Assim abriram avenidas como a Dantas Barreto, a 10 de Novembro, junto a essas novas vias iam se eliminando monumentos de grande importância para o tecido urbano, igrejas significativas e símbolos históricos. Saindo dos anos 30 e já entrando nos anos de 1940, o Recife ainda era um canteiro de obras onde a destruição do tecido colonial era o sinônimo das intervenções e das inovações. O tom da novidade era a articulação dos subúrbios, um elemento fundamental pra promover essa integração foi a pavimentação da avenida Caxangá que partia do largo de ponte d'Uchôa e dava acesso a arrabaldes do Bongi, Zumbi, Cordeiro, Iputinga e Caxangá. Também deve as intervenções na Estrada dos Remédios que ligava o bairro da Madalena ao bairro da Afogados.

Um outro aspecto desse processo de reestruturação das áreas urbanas contou com a construção de algumas pontes e a urbanização de uma gama de outras, a exemplo a criação da ponte Duarte Coelho e da ponte de Caxangá e a estruturação da ponte do Motocolombó e a ponte do Vintém, a criação de pontes venho no sentido de dar mais eficiência e beleza para a cidade.

O Parque 13 de maio e alguns outros parques foram construídos e ou revitalizados nesse processo de urbanização da cidade, a amenização das áreas urbanas era o carro chefe, desde a publicação da carta de Atenas em 1933, a urbanização passa a ter um papel muito forte nos gabinetes das administrações públicas. O projeto do parque foi dado ao Engenheiro Domingos Ferreira e o retorno do parque para a municipalidade foi um ato político almejado por muitos governadores e louvado de perto pelos intelectuais da época, o retorno desse espaço público foi recoberto de valor simbólico. Essas intervenções urbanas deram um valor paisagístico muito grande a cidade do Recife.

Estratégias para resgatar uma área em decadência, do porto de influências a porto cultural, o plano de Reabilitação do Bairro do Recife.

Uma lista de propostas para intervenções no bairro do Recife foi elaborada ainda nos programas de conservação de sítios históricos elaborados na década de 1970. Essa política foi carregada de força a partir dos incentivos do SPHAN e da Fundação Pró-Memória. Sob essa zona de influência o do Recife, através da prefeitura, modificou radicalmente a legislação de uso e ocupação do solo da cidade e também aprovou uma lei nº 13.957/81, que implementava o PPSH.

Seguindo as recomendações de Veneza e de Quito, as novas normas, delimitavam dois tipos de zonas que circunscrevem os sítios históricos em: Zona de Preservação Rigorosa (delimita a área de maior densidade de monumentos e construções a serem preservadas) e

Zona de Preservação Ambiental (delimita áreas com regras de construção menos rígidas, procurando criar uma “ambiência” entre a ZPR e o resto da cidade).

Mesmo com a criação de áreas específicas em zonas de preservação, no corpo da cidade, e com características de preservação histórica com pequeno potencial de densidade construtiva, essas áreas não atraíram a especulação dos agentes produtores do espaço urbano, ou seja, os incorporadores imobiliários, fazendo com isso que essas áreas não tivessem incentivos de grande porte.

A descentralização urbana e a conseqüente mudança espacial do mercado imobiliário, tornaram o centro do Recife uma área com poucos atrativos à incorporação imobiliária. De um lado cria-se todo um aparato institucional, legal e instrumental para conservar as áreas históricas do centro urbano. Por outro lado, as mudanças das expectativas do mercado imobiliário levam a uma diminuição drástica da taxa de investimento em novas construções e reformas/adaptações das antigas: degradação física e mudança de usos, especialmente do comércio varejista e dos serviços especializados para o comércio ambulante e informal e os serviços pouco especializados.

Em 1986 o centro foi considerado uma das principais áreas problemas de toda a cidade, principalmente devido à ocupação das ruas e espaços públicos pelo comércio ambulante. Foi elaborado um documento que procurou orientar a ação do executivo municipal para intervir no processo de degradação do centro, contudo, as propostas eram pouco práticas para a ação imediata, ou mesmo de médio prazo.

A ação sobre o processo de expansão acelerada da ocupação das ruas e calçadas pelos ambulantes devia ser realizada através da “mediação dos conflitos dos agentes sociais” – uma estratégia gradualista de acomodação de interesses, dirigida ao bairro do Recife e ao restante do centro, este último reduzindo-se a algumas medidas de organização da atividade

Dos ambulantes e camelôs e organização do modo de ocupação dos espaços públicos mais importantes. O término da gestão municipal do então Prefeito Jarbas Vasconcelos (1990) significou o fim do projeto, sendo dois anos depois, alterada a estratégia de ação sobre o centro histórico: o foco de atenção passou a ser o conjunto dos bairros de Santo Antônio e São José, através da re-locação de ambulantes e camelôs, com grande apoio da opinião pública.

Entre os anos de 1993 e 1995 foi elaborado o Plano de Revitalização do bairro do Recife, que visava transformá-lo em um centro de atrações turísticas para visitantes nacionais e estrangeiros. Conduzido pela Empresa de Urbanização do Recife, o plano define uma área de intervenção no bairro a fim de promover a reintegração da zona portuária à cidade atual, subdividindo-se basicamente em dois projetos, ambos em conjunto com empresas privadas e valorizando de formas distintas os espaços abertos do bairro: o projeto “Cores da Cidade”, que visa valorizar as fachadas das antigas edificações através de sua pintura e restauro e o projeto “Pólo do Bom Jesus”, que objetiva ampliar o alcance das atividades comerciais do bairro, onde a rua teria uma função semelhante à circulação dos shoppings centers.

Além da restauração de prédios e da recuperação da infra-estrutura física existente, o plano procura criar condições para que a população de baixa renda residindo em trechos do bairro, continue sediada nesse espaço após as intervenções, transformando alguns dos imóveis em habitação coletiva, além de instalar creches, centro comunitário e um restaurante popular. Os proprietários dos imóveis também participam das despesas de restauração, devendo arcar com todos os custos referentes à recuperação de suas propriedades.

A época destas intervenções, a cidade voltou a respirar ares de uma antiga riqueza das ações e das formas, mesmo que essa riqueza fosse revestida de características culturais, e não mais aquelas de outrora que exibiam um papel de vanguarda tanto na arquitetura como nas funções, a transformação urbana que se dá agora é muito mais na dimensão das práticas sociais e no uso dos espaços. Os novos pólos criados vêm como resgate da preservação e do novo uso de estruturas consolidadas, a arquitetura ainda conserva muito das transformações influenciadas pela França.

Recife: Perspectivas de uma nova época, o porto com difusor de novas práticas e novas tecnologias.

A partir do momento em que o bairro assumiu mais funções e incorporou novos atores na sua dinâmica, passou também, a influenciar e participar do desenvolvimento da cidade, principalmente quando esse possível desenvolvimento vai estar diretamente ligado ao setor de comércio e substancialmente ao setor de serviços.

O Porto ainda continua como um importante setor da dinâmica econômica local, com as atividades ligadas à importação e exportação de produtos, mas é no setor de serviços ocorre uma das principais mudanças na morfologia sócio-espacial do bairro.

Encontra-se no bairro os mais diferentes tipos de serviços, que podemos entender como atividades de suporte para a economia como um todo, atividades que funcionam ora para atender a interesses públicos (do bem estar social), ora puramente econômico. São atividades que atendem a interesses tanto econômico, quanto social, extrapolando as fronteiras entre o tangível e o intangível.

Para um melhor entendimento sobre serviços adotou-se a classificação utilizada por Singelmann, por adaptar-se bem às categorias estatísticas habituais, e segundo Castells (1999) este autor vai seguir uma visão estruturalista de emprego, dividindo essa estrutura de acordo com o local da atividade na cadeia de conexões que se inicia no processo produtivo.

Logo, Singelmann propôs classificar esse setor em quatro categorias: serviços relacionados à produção, serviços sociais, serviços de distribuição e serviços pessoais.

Os serviços relacionados à produção vão incentivar a produção, aparecerão como insumos cruciais na economia, embora também incluam serviços empresariais auxiliares, podendo não ter necessidade de alta qualificação. Na literatura, são considerados serviços estratégicos da nova empresa, provedores de informação e de suporte para aumentar a produtividade e a eficiência das empresas. Portanto, sua expansão seguirá paralelamente com o aumento da sofisticação da produtividade da economia. (CASTELLS, 1999).

Quanto à distribuição do setor de serviços considera-se o bairro do Recife como um *Central Business District* (CBD), destacando-se atividades tradicionais vinculadas: ao porto e ao comércio atacadista; às grandes corporações (escritórios de empresas, sedes bancárias, comércio especializado e restaurantes sofisticados); aos órgãos públicos (Prefeitura Municipal do Recife, Tribunal do Trabalho, da Justiça, Polícia Federal e Receita Federal), além do crescente número de atividades de apoio (bares, restaurantes, oficinas, transportes).

A legislação tem ajudado no que diz respeito a este aspecto, pois são criados pelo Plano Diretor da Cidade do Recife, programas de urbanização com o objetivo de redefinir as condições de uso e ocupação do solo, a implantar infra-estruturas e estimular a dinamização de determinadas áreas. Vai ficar clara a predominância dos serviços pessoais, isto porque, o bairro possui um pólo de lazer.

O Programa de Dinamização Urbana tem como pressuposto básico sua implantação em áreas que sejam favoráveis ao desenvolvimento do Turismo e de atividades de lazer, devido ao seu ambiente natural.

O Plano Diretor de Desenvolvimento da Cidade do Recife prioriza o estímulo a algumas atividades econômicas, devido ao seu potencial. São o turismo, a cultura e o lazer; o setor moderno de serviços (serviços médicos, de informática, publicidade, entre outros); indústrias não poluentes, de uso intenso de mão-de-obra e as de alta tecnologia; comércio e centro de negócios.

Esses estímulos vêm como concessões de incentivos fiscais, principalmente a empreendimentos ligados às atividades de turismo, cultura ou lazer que recuperem o patrimônio construído para a sua instalação. Esses benefícios são referentes à isenção de impostos: ao IPTU - Imposto sobre a Propriedade Predial e Territorial Urbana, ISS - Imposto sobre Serviços de Qualquer Natureza, ITBI - Imposto sobre a transmissão de Bens Imóveis e Taxas de Localização e Funcionamento.

São estimuladas, ainda, através das isenções fiscais, as atividades ligadas ao comércio varejista, entre eles, cafés, bares, restaurantes, livrarias, farmácias, papelarias, antiquários, galerias de arte, entre outras.

No que se refere aos serviços sociais, a partir das reformas urbanas ocorridas nas últimas décadas, as atividades ligadas ao setor público vão ganhando destaque. Já os serviços de distribuição vão estar diretamente ligados às atividades portuárias, comercializando os produtos e se fixando numa parte da Ilha onde prevalecerão, as atividades do comércio atacadista. Uma parcela importante do espaço do bairro vai ser utilizada como espaço portuário: transporte e armazenagem, o fracionamento e embalagens de produtos em quantidades acessíveis ao consumidor. Hoje, no bairro do Recife, as atividades portuárias ainda em vigor movimentam atividades específicas, embora em menor número, como o abastecimento de navios.

No Bairro do Recife foi implantado, recentemente, o Shopping Paço Alfândega, o qual deve contribuir para com a dinamização sócio-econômica do bairro. A construção deste centro comercial está voltada para a atração de um público permanente puramente elitista, demonstrando o caráter segregador do processo de revitalização. Segundo Arantes (2000).

Relacionado aos serviços de produção, compreendendo as atividades intermediárias efetuadas durante os processos produtivos, ligados diretamente à produção dos setores industriais e agropecuários, têm nos serviços de consultorias, jurídicos e, informáticos a sua presença mais expressiva.

As ações relacionadas ao segmento do setor de informática têm como objetivo a articulação dos setores público e privado responsáveis para a estruturação, provimento e manutenção de serviços e infra-estrutura adequada ao funcionamento de empresas de tecnologia da informação no bairro. Além disso, atualmente, a região central da cidade do Recife é palco de intensas intervenções de cunho tecnológico e informacional com o desenvolvimento de projetos próprios de infra-estrutura e serviços de comunicação, Porto Digital.

Este projeto funciona como nexos difusor e integrador de uma rede abstrata de informações que veicula uma rede de alta velocidade capaz de interligar as instituições âncoras do Porto Digital através da utilização dos dutos de fibra ótica e de outras infra-estruturas necessárias, com a interligação de quatro pontos institucionais: CAIS do Porto, Secretaria de Tecnologia e Meio Ambiente do estado de Pernambuco – SECTMA, CESAR e o ITBC.

Revitalização da Área Central do Recife: A Visão de Especialistas e as encruzilhadas entre os êxitos e fracassos.

Nos últimos 15 anos, a área central da Cidade do Recife vem sofrendo alterações em sua dinâmica sócio-espacial, gerando um exemplo de revitalização para a cidade. Porém, os

Posicionamentos de acadêmicos, coordenadores de projetos, representantes de movimentos sociais e freqüentadores da área central são bastante controversos.

Quando se pensa nos êxitos dos processos de revitalização, chama-se a atenção de importantes fatores relacionados à recuperação de prédios históricos e áreas culturais. É importante lembrar que em 1992 era possível encontrar 45% dos prédios da área central em más condições de preservação e utilização (de acordo com a Prefeitura da Cidade do Recife).

Com isso, reaparece a importância dos monumentos, além da criação de novas formas de vínculos destes com a sociedade, como o elo entre a Educação Civil e a História, com suas respectivas representações.

A Co-responsabilidade entre os setores Público e Privado mostrou-se como fator chave dentro do processo de re-funcionalização da área central do Recife, o que ocorreu da mesma forma quando se pensa no requalificar e divulgar o espaço.

Alguns representantes ligados ao setor de comércio reforçam as parcerias significativas entre comerciantes e Prefeitura da Cidade e a melhoria dos corredores comerciais, sensibilizando freqüentadores e recuperando a idéia de que o centro é atrativo. Também há resultados favoráveis relacionados à formalização de muitos trabalhadores ligados ao setor informal.

O redirecionamento do bairro do Recife no que tange à dinâmica de uso do território é um ponto que segundo técnicos da Prefeitura, é bastante positivo. Nesse sentido, afirma-se que a área central “saiu da inércia” e oferece plenas condições para moradia, comércio, serviços e lazer. Assim, Recife consegue atrair novos freqüentadores e recuperar a imagem positiva de outras épocas.

O Porto Digital aparece como uma alternativa, a fim de viabilizar uma nova perspectiva para área de Pesquisa e Desenvolvimento, tornando-se um ponto significativo dentro de uma perspectiva para estabelecer novas soluções tecnológicas.

Por outro lado, há quase que uma convergência de opiniões com avaliações negativas por parte de agentes que atuam na área. A falta de articulação entre os principais setores envolvidos na revitalização é o principal problema levantado, gerando problemas em etapas como planejamento, definição de ações e prioridades a serem adotadas. Assim, tem-se um descompasso no ato de revitalizar.

Os monumentos que se encontram restaurados e que por sua vez, são importantes para a preservação da história, correm os riscos da representação condicionada e uma seletividade da memória, ou seja, a sociedade só teria acesso teoricamente, à história que se quer passar adiante.

É importante lembrar que não se podem deixar de lado as tensões entre o novo e o velho, o arcaico e o moderno, a novidade e a tradição. A idéia de Resiliência mostra a capacidade de incorporar de novos elementos sem romper com os elementos que existiam antes.

Outro ponto preocupante é como se estabelecem os usos de algumas áreas, o que geram os riscos de convivência. A Rua do Bom Jesus é um bom exemplo disso. Os usos deveriam ser complementares e não concorrentes, como vêm sendo verificado. Isso é responsável pela atual estagnação dos serviços localizados na rua, além da saída de agentes produtores do espaço para outros locais.

A redefinição das redes sociais, econômicas e políticas acabam gerando certa tensão entre os atores que produzem o espaço. Os conflitos relacionados à competência e atuação de cada um pode ser atribuída a essa redefinição.

A relação com os elementos naturais mostra-se curiosa no sentido da tentativa de se disciplinar a fauna e a flora urbana. Dentro da idéia de estética urbana, a presença de espécies exógenas inadequadas (que resultam em entupimento de galerias) e das “pragas urbanas”, como pombos e ratos (que causam impactos nos monumentos históricos), mostram bem o ritmo do centro e de desafios para a manutenção e gestão urbana.

As formas como a divulgação do espaço vem sendo feita, faz com que apareça um modismo efêmero, fazendo com que processos como a “disneyficação” e “city marketing” diferenciam as formas de consumo do espaço distorcem os lugares e que podem resultar em fenômenos ou “espetáculos” que não dêem certos.

Alguns especialistas chegam a ser mais agressivos e vêem alguns pontos como um “circo”. Em alguns momentos, mostram-se de formas bastante dinâmicas, com atividades que “alegram” o ambiente e em outros, totalmente vazias. Isso seria resultado de política baseada apenas na criação de um Pólo de Entretenimento.

A falta de capacidade para direcionar recursos por parte da Prefeitura, e a não-ampliação das atuais parcerias entre os setores público e privado resultam em investimentos pontuais (a exemplo do Paço Alfândega), “marginalizando” outros pontos que também oferecem grande potencial de utilização.

O problema relacionado à habitação da área central também é lembrado. Apesar de a área apresentar infra-estrutura consolidada e de envolver instituições federais, estaduais e municipais que incentivam o “morar no centro”, não há uma sensibilização da população e do setor de construção civil. A idéia de construir em áreas vazias prevalece sobre o “recuperar” e o “reformular”.

O declínio da atenção dada a Comunidade do Pilar, assim como os trabalhos isolados nessa área, acabam criando impasses entre moradores e gestores. De um lado, defende-se a

Retirada da população local, enquanto que de outro, deseja-se promover a urbanização e a “sustentabilidade” do local.

Conclusão.

O processo de revitalização na cidade do Recife está intimamente ligado com a História da urbanização da cidade, em momentos chaves a cidade respirou os signos da modernidade através da revitalização dos espaços centrais, como se fosse uma mola propulsora que como na análise dos fractais rompesse a resiliência dos sistemas estagnados e difundisse uma onda de inovações, dotando de urbanidade o espírito dos habitantes da cidade.

As várias atividades convivendo dentro do mesmo espaço urbano, o uso do espaço público para atividades recreativas, culturais e de lazer, com sua máxima utilização dentro das vinte e quatro horas do dia; a convivência com o Porto e a recuperação da imagem do bairro, inclusive incorporando seus limites com a água. Demonstra a potencialidade que essa área demonstra e o quanto é de fundamental importância o papel do setor público nesta configuração.

O papel da revitalização funciona como uma ação do estado em parceria com a sociedade no sentido de recuperar setores geográficos da cidade, no sentido de promover o clima da cidade, fundamentando a questão da cultura, das atividades comerciais, dos serviços. Hoje, quando se tem a expansão da revitalização, se tem também um crescimento no setor de serviços.

A revitalização acontece, também, por uma pressão social, dos grupos dirigentes, pois as áreas têm sido revalorizadas, até mesmo no sentido histórico, esse resgate é fruto de intensas transformações não só na forma mais também nos conteúdos associados que estão carregados de funcionalidade e emanam de uma estrutura social carregada de simbolismos e valores históricos, econômicos, políticos e sociais. Revitalização é uma ação que se utiliza da relação entre espaço e sociedade, revalorizando de áreas centrais históricas enquanto

Capital. Ela é um recurso que o Estado utiliza para expor as suas capacidades empreendedoras, criativas e inovadoras.

Agenda de pensamentos e inquietações acerca do gerenciamento dos espaços urbanos em processo de revitalização

Os elementos construídos têm datação a partir da técnica;

Gerenciamento das massas construídas agregadas ao tecido urbano;

Acessibilidade aos grandes prédios, avenidas, espaços públicos e áreas de convivência;

Surgimento da Engenharia da Manutenção;

Envelhecimento da População;

Fragmentos (fractais) da Cidade como elementos de representação;

Fractais versus Complexidade, como gerenciar as áreas urbanas;

Público versus Privado;

Cultura como nexos de sustentação da memória coletiva;

Resiliência dos espaços urbanos a elementos de inovação;

Permanências e Rugosidades, como gerir?;

Áreas Marginalizadas, como integrá-las?.

Referências.

ALBUQUERQUE, Áurea Fabiana Apolinário de. *Pequenas Empresas de serviços no Nordeste do Brasil e Estados do Ceará, Pernambuco e Bahia*. Dissertação (Mestrado em Economia). Recife. UFPE, 2000.

ALVES, Andrezza Monteiro. *Novas Dinâmicas Sócio-Espaciais: um estudo preliminar do bairro do Recife, Recife – PE*. In: V Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFPE, Recife. 2004.

ALVES, Andrezza Monteiro; MAGALHÃES, Maria Angelica Braga. *O Processo de Produção do Espaço Urbano no Bairro do Recife*. In: VI Congresso Brasileiro de Geógrafos, Goiânia – GO. 2004.

CAMPOS, H.A. *Comércio na área central do Recife (PE-Brasil): novos e antigos conceitos acerca da história da cidade*. Scripta Nova, Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales, Universidad de Barcelona, vol. VI, nº 119 (57), 2002.

CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em Redes*. 2ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CAVALCANTI, Carlos Bezerra. *O Recife e seus Bairros*. Câmara Municipal do Recife. Recife. 1991.

CAVALCANTI, Carlos Bezerra. *Recife e suas Ruas - “Se essas ruas fossem minhas ...”*. Recife. Edição Edificantes. 2002.

CAVALCANTI, Vanildo Bezerra. *Recife do Corpo Santo*. Recife: Prefeitura Municipal do Recife. Secretaria de Educação e Cultura. Conselho Municipal de Cultura. 1977.

FIGUEREDO, Margareth Gomes de. *Espelho do Tempo: Conservação da Autenticidade do Espaço Público dos Conjuntos Patrimoniais Edificados: O caso do Centro Histórico de São Luís*. UFPE: Recife, 2006. Dissertação de Mestrado.

GADELHA, Everaldo da Rocha. *Região Metropolitana do Recife: o espaço de suas relações funcionais*. Mestrado (Dissertação) em Geografia – UFPE.. Recife. 1997.

GOMES. Edvânia Tôrres Aguiar. *Recortes de Paisagens na Cidade do Recife: uma abordagem geográfica*. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo. 1997.

J. Baers, Olinda Conquistada, p. 91. Apud. FRANCA, Rubem. *Arabismos: uma mini-enciclopédia do mundo árabe*. Recife: Prefeitura da Cidade do Recife: Universidade Federal de Pernambuco/ Editora Universitária. 1994. p. 154

LUBAMBO, Cátia de Wanderley. *O bairro do Recife: entre o corpo santo e o marco zero*. CEPE/Fundação de Cultura da Cidade do Recife. 1991.

MENEZES, José Luiz Mota. *O Urbanismo Holandês no Recife: Permanências no Urbanismo Brasileiro*. Comunicação apresentada no Colóquio "A Construção do Brasil Urbano", Convento da Arrábida: Lisboa, 2000.

PERNAMBUCO (1992). *Plano de Revitalização do Bairro do Recife*. Recife. Agência de Desenvolvimento Econômico do Estado. 1992 .

PONTUAL, Virgínia. *Tempos do Recife: representações culturais e configurações urbanas*. In: Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 21, nº42, p. 417-434. 2001

REZENDE, Antônio Paulo. *O Recife: Histórias de uma cidade*. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife. 2002

SALVADOR, Frei Vicente do. *História do Brasil: 1500-1627*. 6ª ed. Brasília: Editora Melhoramentos, 1975, p. 114.

SCHOR, Evelyn. *Vendendo a Cidade: o empresarialismo urbano no bairro do Recife*. Dissertação de Mestrado. Recife: Mestrado de Desenvolvimento Urbano / UFPE, 1996.

ZANCHETI, Silvio Mendes. *A Revalorização de áreas centrais – a Estratégia do Bairro do Recife*. Mimeo: Recife, 1995. Prefeitura da Cidade do Recife / URB. Uma estratégia para revitalizar o centro do Recife. PCR. Recife, 1986.

Recife, Setembro de 2006.

*Professora Doutora Adjunta do Departamento de Ciências Geográficas da Universidade Federal de Pernambuco, Pesquisadora do CNPq, Coordenadora do Grupo de Pesquisa Sociedade Natureza, Membro da ReCALL;

torres@ufpe.br